



ENCONTRO DO SENTIDO DE VIDA PELO TRABALHO CRIATIVO: A PERCEÇÃO DE EX-VOLUNTÁRIOS DO PROJETO TERAPEUTAS DA ALEGRIA DA UNIVALI ATRAVÉS DA CLOWNTERAPIA

MEETING THE MEANING OF LIFE THROUGH CREATIVE WORK: THE PERCEPTION OF FORMER VOLUNTEERS OF UNIVALI'S THERAPEUTES OF JOY PROJECT THROUGH CLOWN THERAPY

ENCONTRAR EL SENTIDO DE LA VIDA A TRAVÉS DEL TRABAJO CREATIVO: LA PERCEPCIÓN DE EXVOLUNTARIOS DEL PROYECTO TERAPIAS DE LA ALEGRÍA DE UNIVALI ATRAVÉS DE LA TERAPIA CLOWN

AUTORES

Nhayara Generoso¹¹

Larissa Fernanda Dittrich¹²

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar a percepção de ex-voluntários que realizaram intervenções com seu *clown* no projeto Terapeutas da Alegria, da Univali, para o encontro do sentido de vida, por meio do trabalho criativo da clownterapia. O *clown* tem origem circense, e utiliza o lúdico e o improviso, o que caracteriza um trabalho criativo. No hospital, o *clown* desenvolve um papel de humanização da saúde, podendo levar pacientes a entrarem em contato com as suas emoções, como a alegria expressada pelo riso, através do que é conhecido como terapia do riso ou clownterapia, que pode beneficiar na melhora do quadro biológico e psicológico. A elaboração dessa atividade foi realizada por voluntários, portanto, um trabalho não remunerado. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e de cunho teórico e prático teve fundamentos no campo teórico da logoterapia de Frankl, que afirma que o sentido da vida pode ser encontrado por três caminhos: do amor, sofrimento e do trabalho criativo. Como resultado, identificou-se o encontro de sentido de vida para ex-voluntários do projeto, uma vez que foi evidenciada essa vivência de sentido e, portanto, confirmou o encontro do sentido de vida por meio do trabalho criativo da clownterapia.

PALAVRAS-CHAVE: Sentido de Vida; Trabalho criativo; *Clown*; Clownterapia.

RESUMEN: El objetivo general de esta investigación fue identificar la percepción de ex voluntarios que realizaron intervenciones con su clown en el proyecto Terapeutas da Alegria de Univali, para encontrar el sentido de la vida a través del trabajo creativo de la clownterapia. El clown tiene un origen circense, y utiliza el juego y la improvisación, lo que caracteriza un trabajo creativo. En el hospital, el payaso tiene un papel en la humanización de la salud, pudiendo llevar a los pacientes a entrar en contacto con sus emociones, como la alegría expresada a través de la risa, a través de lo que se conoce como risoterapia o clownterapia, que tiene beneficios

Licença CC BY:
Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.

11 Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí.
12 Professora do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí.





en mejoramiento del cuadro biológico y psicológico. La elaboración de esta actividad fue realizada por voluntarios, por lo tanto, un trabajo no remunerado. Esta investigación, con enfoque cualitativo y carácter teórico-práctico, se basó en el campo teórico de la logoterapia de Frankl, que plantea que el sentido de la vida se puede encontrar a través de tres caminos: el amor, el sufrimiento y el trabajo creativo. Como resultado, se identificó el encuentro de sentido de la vida de los antiguos voluntarios del proyecto, ya que se evidenció esa experiencia de sentido y, por lo tanto, se confirmó el encuentro de sentido de la vida a través del trabajo creativo de la clownterapia.

PALABRAS CLAVE: Sentido de la Vida; Trabajo creativo; Payaso; Payasoterapia.

ABSTRACT: The general objective of this research was to identify the perception of former volunteers who carried out interventions with their clown in Univali's Terapeutas da Alegria project, to find the meaning of life through the creative work of clown therapy. The clown has a circus origin, and uses playfulness and improvisation, which characterizes a creative work. In the hospital, the clown has a role in the humanization of health, and can lead patients to get in touch with their emotions, such as the joy expressed through laughter, through what is known as laughter therapy or clown therapy, which has benefits in improving of the biological and psychological picture. The elaboration of this activity was carried out by volunteers, therefore, an unpaid work. This research, with a qualitative approach and theoretical and practical nature, was based on the theoretical field of Frankl's logotherapy, which states that the meaning of life can be found through three paths: love, suffering and creative work. As a result, we identified the finding of meaning in life for former project volunteers, since this experience of meaning was evidenced, and therefore, confirmed the finding of meaning in life through the creative work of clown therapy.

KEYWORDS: Meaning of Life; Creative work; Clown; Clowntherapy.

INTRODUÇÃO

Viver requer uma compreensão de nós e do mundo, o que nos direciona a um processo de reflexão sobre nossas atitudes, posicionamentos e ações. Dessa forma, a partir de nossas vivências nos questionamos acerca do significado de nossa existência e ao abordar sobre o sentido da vida, Frankl (2005), reflete que é a própria vida que traz a questão sobre o sentido dela. Nossa consciência é um órgão de percepção, que segundo Frankl (2001, p. 68), “[...] poderia ser definida como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação”. Sendo assim, quando desenvolvemos uma ação e percebemos o sentido dela através da nossa consciência, encontramos um sentido de vida, seja uma missão ou então uma tarefa que pode nos trazer plenitude (FRANKL, 2021).

De acordo com Frankl (2021), criador da logoterapia, um dos caminhos para o encontro do sentido da vida pode se dar através do trabalho. Ao desenvolvermos um trabalho que envolve valores criativos, o sentido da vida pode ser vivenciado de forma concreta, a partir das ações que realizamos. Nesse contexto, apresentamos o *clown*, ou palhaço, como uma dessas possibilidades, para buscar o encontro do sentido da vida a partir do desenvolvimento de um trabalho criativo.

A essência de ser do *clown*, tanto elaborada por Jacques Lecoq (2018), quanto por Nunes (2016), revela sua singularidade exacerbada e despertada dentro de uma espontaneidade, a qual permite que o *clown* intervenha dentro de diferentes contextos, inclusive em um processo de humanização em saúde¹³, como,

13 Segundo Dittrich, a humanização em saúde envolve o processo de humanescer, sendo que ele é “[...] um fenômeno humano que faz a pessoa sentir o amor incondicional à vida, que se manifesta misteriosamente no ato educativo com o outro,

por exemplo, a atuação em um ambiente hospitalar, podendo trazer alegria. Esse processo é conhecido como *clownterapia*, ou, ainda, por terapia do riso.

A *clownterapia* possui forte influência da pesquisa italiana e baseia-se na risologia. A pesquisa de Mijatovic (2016) aponta os efeitos nos aspectos fisiológicos e psicológicos que se dão a partir da intervenção lúdica. Mas para realizar esse encontro entre a *clownterapia* e os usuários precisamos de um *clown*, e este só existe a partir de um voluntário, que oferta seu tempo, seu conhecimento e amorosidade às pessoas com as quais intervém, podendo receber em troca sorrisos e momentos de alegria.

A Universidade do Vale do Itaiaí (Univali) desenvolve um projeto de extensão denominado Terapeutas da Alegria, que atua desde 2003 com o objetivo de realizar um processo de humanização na saúde, considerando, ainda, a preocupação de formar profissionais com abordagem integral e generalista aos beneficiários, promovendo ações de intervenção hospitalares, escolares, asilares, entre outros, utilizando trabalhos lúdicos, de improvisação e criatividade. Nesse processo dos voluntários vivenciarem o *clown*, no projeto acima citado, por meio da espontaneidade, imaginação, sensibilidade e da criatividade eles podem encontrar um sentido de vida através da vivência da *clownterapia*, pois para Frankl (2021), o encontro do sentido da vida, pode se dar a partir de três caminhos: o amor, o sofrimento e pelo trabalho criativo, como supracitado. Corroborando essa ideia, pode-se “[...] descobrir este sentido na vida de três diferentes formas: [...] criando um trabalho ou praticando um ato; [...] experimentando algo ou encontrando alguém; [...] ou pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável” (FRANKL, 2021, p. 135).

Destacamos que o processo de trabalho está intrinsecamente ligado à nossa vida, dessa forma pode conotar um sentido para nossa existência. Quando esse sentido é vivenciado no trabalho, se refere ao seu aspecto criativo. Por outro lado, quando não encontramos, vivenciamos o que Frankl (1995) conceitua como vazio existencial. Gomes (2001, p. 43) menciona o vazio existencial como “[...] um vácuo que pode ser compreendido em termos de uma falta de sentido para vida”.

Buscar sentido em nossas atividades diárias, assim como autorrealização, como mencionado no trabalho de Roque *et al.* (2022), pode nos direcionar a um processo reflexivo acerca dos trabalhos que realizamos, o que, de certa forma, contribui para um sentimento de vazio em relação aos nossos atos, ao questionarmos se somos meios ou fins dentro do processo produtivo de uma sociedade econômica capitalista.

O vazio existencial vivenciado na contemporaneidade, nos remete aos números alarmantes de suicídios, como menciona a Organização Mundial da Saúde, em que quase 800 mil pessoas se suicidam por ano. Encontrar um sentido na vida é um processo importante para nossa existência, como menciona Frankl (2005, p. 18):

[...] foi desprezado ou esquecido que se uma pessoa chegou a colocar as bases do sentido que procurava, então está pronta a sofrer, a oferecer sacrifícios, a dar até, se necessário, a própria vida por amor daquele sentido. Ao contrário, se não existir algum sentido para seu viver, uma pessoa tende a tirar-se a vida e está pronta para fazê-lo mesmo que todas suas necessidades sob qualquer aspecto estejam satisfeitas [...].

Ainda consideramos como relevante e uma questão de saúde pública, o fato em que Frankl, já na década de 1980, pontuava que “[...] a segunda causa mais frequente de morte entre estudantes americanos

com a cultura na sociedade e com a natureza, onde ocorrem processos criativos de ensinar e aprender com significado para a vida” (DITTRICH, 2016, p. 14).



– após acidentes de trânsito – está o suicídio” (FRANKL, 1981, p. 24). Seguindo essa problemática, o autor alerta que “[...] as tentativas de suicídio são talvez quinze vezes mais numerosas” (FRANKL, 2005, p. 19). Segundo o estudo de Brigard Merchán (2021), em análises de uma amostra de 29 estudos publicados, que abrangeram 8.561 pessoas, em revisões de publicações posteriores a 2015, relacionando o suicídio ao vazio existencial e sentido de vida, evidenciou que 1.188 pessoas consideraram a falta de sentido de vida como causador para ideações e práticas suicidas, enquanto 481 pessoas consideraram o vazio existencial como motivador.

Abre-se, assim, espaço para mais pesquisas e contribuições do tema, vinculando ainda, que o referido projeto leva em consideração o trabalho voluntário, mas também dentro do ambiente acadêmico, no projeto de extensão Terapeutas da Alegria da Universidade do Vale do Itajaí, formando, assim, um processo completo de busca de sentidos, considerando o voluntariado já na formação de profissionais dentro da universidade, relevância social ao considerar os locais de intervenção e de formação de vínculos e sentidos para a vida.

Sendo assim, o objetivo geral é identificar as percepções dos ex-voluntários que entrevistaram com seu *clown* no projeto Terapeutas da Alegria, da Univali, para o encontro do sentido de vida por meio do trabalho criativo da *clownterapia*. E definiram-se os seguintes objetivos específicos: conceituar o *clown* e a *clownterapia* de acordo com a visão de Jacques Lecoq e Hunter Adams; definir o trabalho voluntário conforme lei brasileira número 9.608, de 18 de fevereiro de 1998; descrever o sentido de vida de acordo com a Logoterapia; compreender o encontro do sentido de vida a partir de trabalho criativo, de acordo com Frankl; relacionar o encontro do sentido de vida a partir do trabalho criativo com a vivência da *clownterapia*.

ENCONTRO DO SENTIDO DE VIDA PELO TRABALHO CRIATIVO: A PERCEPÇÃO DE EX-VOLUNTÁRIOS DO PROJETO TERAPEUTAS DA ALEGRIA DA UNIVALI ATRAVÉS DA CLOWNTERAPIA

Clown e clownterapia

A figura icônica do palhaço está constantemente ressaltando o que há de mais excêntrico na essência de quem o compõe, o que exige um conhecimento de si, perspicácia e adaptação, dando, assim, vida ao *clown*. Sua construção demanda habilidades e comportamentos do próprio sujeito, o que valida o seu sentido de ser e existir em uma vivência única, já que não há atuação nas ações do palhaço, ele simplesmente é, e está no ambiente expondo as suas características, moderadas ou excessivas (FONSECA, 2021).

O *clown* de hospital utiliza sua face recoberta apenas por um nariz de palhaço e pouca maquiagem, ressaltando o que é mais evidente de suas características, sua autenticidade, partindo para a interação utilizando meios lúdicos, como música, interpretação, dança e uma capacidade esplêndida de responder a necessidades de forma rápida e direta, com a habilidade do improviso, colocando-se como Doutor dentro do hospital, brincando com o mundo real e imaginário (SATO *et al.*, 2016).



O *clown*, com suas características particulares é a figura que nos demonstra uma nova perspectiva de ser e existir, através de características peculiares de seu representante, sejam elas sua timidez ou sua vivacidade, sua *performance* caricata, qualidades estas escondidas atrás do que chamaria Jacques Lecoq (2018, p. 24) de “a menor máscara do mundo,” o famoso nariz de palhaço que revela mais do que encobre, pois sem ele, muitas vezes, são características tolhidas pela sociedade.

Como aponta Costa (2018), dentro de um ambiente hospitalar, o processo ao qual o paciente é exposto, pode conter dor, dismantelar sua rotina e subjetividade, sua afetividade se torna limitada pelo processo biomédico que lhe é imposto. A pesquisa aponta, ainda, que a figura do palhaço é fundamental no processo de humanização, principalmente no que tange à realização de relações horizontais, como, por exemplo, pacientes hospitalizados e profissionais destacando as subjetividades nessas vivências e, principalmente, com o despertar do amor, da alegria, da felicidade e da contemplação à vida, independente de patologias, estresse ou ambiente em que se está, mantendo e respeitando a essência humana.

Sendo assim, o ser *clown* está vinculado a um processo artístico com o processo terapêutico da *clownterapia*, que possui como base a terapia do riso. Também conhecida como risologia, a terapia do riso é referenciada por Campos (2009), com base nos fundamentos da gelotologia, que tem origem no grego *gelos* que significa risos e sua junção com *logos*, que significa estudo, ou seja, estudo do riso. A risologia possui uma base forte de pesquisas na Itália, onde os trabalhos científicos vinculam o riso e seus efeitos fisiológicos e psicológicos, sendo o principal agente interventor, o *clown* de hospital que interage de forma lúdica.

Considerado um dos precursores da *clownterapia*, centrado em um processo de humanização hospitalar, o médico Hunter Adams, também conhecido como “Doutor Patch Adams”, utilizava, já em sua prática médica, métodos em que a empatia e o bom humor estavam presentes, trazendo a compaixão aos seus pacientes. Dessa forma, possibilita um processo de humanização do ambiente hospitalar, através de atividades lúdicas (ADAMS, 1999).

O processo terapêutico consiste em levar o riso aos locais onde o *clown* interage, e sua presença é o foco, sempre de forma lúdica, conforme mencionado anteriormente, sendo a maquiagem do *clown* mais leve, porém, em contraste com as roupas coloridas e extravagantes, retiram a formalidade de qualquer local de atuação, mas mantém a essência do palhaço. Com isso, os espaços com vivência de doença e tratamento, possibilidade próxima da morte, lembranças de abandono, solidão, ganham uma nova dinâmica com a chegada do *clown*, retirando dessa realidade um momento, possibilitando uma nova percepção (FONSECA, 2021).

Estudos, como o de Luchesi e Cardoso (2012), apontam que após a terapia do riso ser aplicada, comprova-se a evidência de liberação de substâncias como a adrenalina, noradrenalina e catecolaminas, que auxiliam no relaxamento muscular, melhora do fluxo sanguíneo, redução de inflamações e ainda favorecem capacidades funcionais do organismo e facilitam no processo de cicatrização.



Trabalho Voluntário

Segundo Rodrigues (2021), o trabalho possui uma implicação de sentir, pensar e inventar a própria ação de trabalhar, envolvendo o ser humano por completo, seja a partir de capacidades de raciocinar e articular ações, ou de utilizar sua força física para a realização deste ato. Contudo, esse movimento não implica somente ideia de emprego, mas, por vezes, é associado à ideia de subordinação, caracterizando, assim, um vínculo empregatício.

O ato de trabalhar está ligado a diversas questões e implicações dentro de seu contexto, comumente associado à ocupação, que tem uma conotação livre de esforços de cada indivíduo para atingir uma realização pessoal, por vezes ligadas a uma questão de prazer ao indivíduo, em outras ligadas a associações e organizações voluntárias (RODRIGUES, 2021).

No Brasil, o trabalho voluntário é regulamentado pela Lei n. 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, como um trabalho não remunerado, executado por pessoas físicas a entidades públicas ou privadas sem fins lucrativos, que envolva “objetivos culturais, cívicos, científicos, educacionais, de assistência social ou recreativos [...]” (BRASIL, 1998, p. 2), ainda sendo possível, segundo o artigo terceiro, o voluntário ser ressarcido apenas por gastos essenciais para a execução dos trabalhos.

Lukas(1992)mencionaque, aotomarmosumaatitudepositiva, oamorativo pode transformar-se em ajuda, contribuição ao outro, trazendo, então, a afirmação de Frankl (1995, p. 264) “a autotranscendência é a essência da existência humana” e, segundo o autor, esse processo de autotranscender está interligado ao distanciamento que fazemos de nós mesmos, ao nos doarmos ou entregarmos, sendo possível, então, este processo ocorrer servindo a uma causa nobre (FRANKL, 1995). Dessa forma, compreendemos o trabalho voluntário como a manifestação de reconhecimento de amor à pessoa na sua dignidade e isso pode trazer sentido de vida. Além do mais, é um ato de se doar ao próximo, transgredindo às necessidades individuais, em prol de uma visão coletiva e direcionada à comunidade.

Sentido da vida a partir da Logoterapia

A logoterapia possui como base uma psicoterapia centrada no encontro do sentido de vida, sendo que nós podemos encontrar esse sentido a partir da nossa realidade e no nosso sofrimento (GOMES, 2001). Tem como fundador o escritor e psiquiatra Viktor Emil Frankl, nascido em Viena no ano 1905, que iniciou suas pesquisas e consolidou-as no campo de concentração, durante o período do holocausto, no campo de Auschwitz (GOMES, 2001).

O sentido da vida para Frankl (2021) é único, algo específico para cada um de nós, e para cada momento e dia pode ocorrer modificação. O que se deve considerar é o sentido da vida no momento, o que se faz por dom, missão ou vocação e não buscar algo irreal, distante, como se não fizesse parte da realidade, pois cada pessoa é responsável por viver com suas atividades reais e alcançar realização por isso. A vida nos questiona e nos cobra sentido, em contrapartida, podemos somente respondê-la, sendo responsáveis por nossa própria vida e é nisso que a logoterapia vê a essência do existir humano, na responsabilidade.

Sendo a responsabilidade a essência da existência humana, para a logoterapia é importante ressaltar a ideia de Frankl, (2021, p. 134):

Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora. Parece-me que nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa como essa máxima, a qual a convida a imaginar primeiro que o presente é passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido. Semelhante preceito confronta-a com a finitude da vida e com o caráter irrevogável (*finality*) daquilo que ela faz de sua vida e de si mesma.

Assim, a logoterapia coloca o paciente como protagonista da sua psicoterapia, pois é ele que precisa ter consciência da sua responsabilidade no mundo. Cada sujeito escolhe e reconhece pelo que e por quem é responsável, realizando, assim, suas tarefas na vida, seja porque sua consciência o exige, ou porque a sociedade os impõe. É opção de cada pessoa atribuir o sentido para sua vida (FRANKL, 2021).

O sentido de vida a partir da logoterapia é alcançado considerando que “O papel do logoterapeuta consiste em ampliar e alargar o campo visual do paciente de modo que todo o espectro de sentido em potencial se torne consciente e visível para ele” (FRANKL, 2021, p. 135). Então, para encontrar esse sentido, a logoterapia não tem manual, nem dá instrução e não é pregação como diz Frankl (2021), a analogia é feita com o trabalho do médico oftalmologista e do pintor, onde o pintor almeja nos transmitir o que vê no mundo por meio da sua ótica e já o oftalmologista procura nos dar meios para que enxerguemos o mundo através de nossa realidade, com isso, o papel do logoterapeuta é o do oftalmologista.

Haja vista que o ser humano é responsável por si e por suas decisões, o verdadeiro sentido da vida será descoberto no mundo pela ótica de cada um e que esse sentido pode ser modificado. De acordo com a logoterapia, podemos descobrir esse sentido de três formas:

1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável. A primeira, o caminho da realização, é bastante óbvia. A segunda e a terceira necessitam de uma melhor elaboração (FRANKL, 2021, p. 135).

A partir da logoterapia, o sentido de vida se dá pelo reconhecimento de nossa responsabilidade, sobre nosso papel no mundo e sobre nossas ações, assim como pontua Frankl (1991, p. 18) em que “[...] o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou no amor a uma outra pessoa”, trazendo a nós a responsabilidade por encontrar esse papel e sentido.

Sentido de vida no trabalho criativo, de acordo com Frankl

Nossa relação com o trabalho ao longo da história foi interligada com nossa própria existência, porém a construção dessa relação sofreu modificações, principalmente após a revolução industrial, como menciona Frankl (1981, p. 63):

[...] o homem não deve jamais tornar-se meio para um fim. Mas já na *ordem econômica* da última década as *pessoas que trabalham* foram em grande parte transformadas em simples meios da vida econômica. O trabalho não era mais um meio para o fim, para a vida – um meio de vida, mas antes o homem e sua vida, sua energia vital, sua força de trabalho eram meios para um fim [...].



A aplicação de força e energia, voltadas a uma produção em escala industrial, tem nos transformado em subsídio para nossas próprias produções, forjando, então, uma relação com o trabalho como entrega final e não para nossos interesses, mas sim para um meio de produção capitalista (FRANKL, 1981).

Logo, para Frankl, o trabalho é uma das formas de encontrar sentido na vida (FRANKL, 2021), em que para Rodrigues (1991, p. 30) “a procura pelo sentido se manifesta em direção a alguém ou algo que se encontra ‘fora’ da pessoa que o busca: por meio da autotranscendência, do ir além de si em busca de algo, de valores e da consciência [...],” sendo que o sentido e a autotranscendência se caracterizam para Frankl (2018) como uma das características nossas principais.

Ainda no pensamento de Frankl, para autotranscender é necessário olhar e ir além da nossa própria existência, deixando, assim, de sermos um sujeito que apenas reage aos estímulos que nos são proporcionados, mas que compreende que nossa vida se refere a algo ou alguém diferente de nós mesmos. Pois “[...] a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou a alguém, isto é, a um objetivo por ser alcançado ou a uma existência de uma outra pessoa que ele encontre” (FRANKL, 1991, p. 18). O desenvolvimento de um trabalho criativo remete o ser humano a fazer um movimento de se lançar no mundo. Na *clownterapia*, o encontro com pessoas, é uma vivência dessa capacidade do ser humano de autotranscender, encontrando algo ou alguém, que pode dar um sentido para a vida, além de propiciar um desenvolvimento das potencialidades criativas das pessoas que atuam por meio de seu *clown*. No caso da proposta desta pesquisa, são os ex-voluntários do Projeto Terapeutas da Alegria da Univali, que entrevistaram em ambientes hospitalares. Ressalta-se, também, que o encontro do sentido da vida, através do trabalho criativo, pode se dar no desenvolvimento de um trabalho remunerado ou não. No caso, desta pesquisa, trata-se do trabalho voluntário.

Para Frankl (2021), o sentido através do trabalho criativo, pode se dar principalmente pela arte, como nos processos artísticos de pintura, canto ou teatrais. Podemos ainda relacionar com o que diz Aparício (2021, p. 177):

[...]A arte nas suas diferentes formas de expressão auxilia o ser humano a se comunicar de maneira a ajudá-lo a reorganizar ideias, pensamentos e sentimentos. No processo artístico entramos sutilmente e profundamente no nosso interior, explorando os nossos sentidos e criando uma conexão com o corpo e a mente [...].

METODOLOGIA

A abordagem desenvolvida foi de natureza qualitativa. Esse tipo de pesquisa, “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito [...] que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa” (MORESI, 2003, p. 8). A pesquisa qualitativa não se utiliza da estatística como método e nem técnica, mas sim, a descrição. As perspectivas da realidade são a base de coleta de dados do pesquisador (MORESI, 2003).

A busca pela veracidade dos dados coletados, se coloca à luz do método fenomenológico, que, segundo Gomes (1998, p. 20) é “uma técnica para a interrogação da experiência consciente através da descrição do seu conteúdo”, em que o autor ainda considera como ênfase e possibilidade de “[...] a separação de preconceitos, ou seja, toda a história significada das memórias, juízos de valores, desejos e imaginações” (GOMES, 1998, p. 20).

O enfoque da hermenêutica fenomenológica, segundo Dittrich e Leopardi (2015), está intrinsecamente ligado à forma de compreender e interpretar os acontecimentos entre os sujeitos envolvidos em uma vivência. A hermenêutica, ao que menciona Schleiermacher (1999, p. 15), é “[...] a arte de interpretar está internamente conectada com a arte de falar e com a arte de pensar [...]”, tornando, assim, pensamento, fala e interpretação presentes nesta pesquisa.

Quanto ao delineamento da pesquisa se classifica como um estudo de caso que “[...] é o circunscrito a uma ou poucas unidades, entendidas essas como uma pessoa, [...]. Tem caráter de profundidade e detalhamento. Pode ou não ser realizado no campo” (MORESI, 2003, p. 11).

Os participantes desta pesquisa são sujeitos humanos e classificados nos seguintes critérios: ex-integrantes do Projeto Terapeutas da Alegria, que participaram do projeto recentemente, ou então, que deixaram o projeto em um período inferior a cinco anos, que tenham realizado as intervenções em ambientes hospitalares. Ressaltamos que definimos o critério de período inferior a cinco anos, devido à pandemia mundial da covid-19, que ocasionou a pausa das atividades do projeto, desde março de 2020, sendo, então, o último encontro antes do *lockdown* na cidade de Itaiaí, em Santa Catarina. O público-alvo da pesquisa foi composto por três ex-participantes do projeto que se enquadraram nos critérios acima.

A coleta de dados foi por meio de uma entrevista semiestruturada que contou com um roteiro pré-estabelecido, com perguntas elaboradas com antecedência, podendo, assim, abarcar os objetivos geral e específicos, de forma assertiva. A entrevista contou com perguntas abertas que permitem respostas mais livres de seus participantes (PRODANOV, FREITAS, 2013).

Foi esclarecido que se, em qualquer momento, os participantes sentissem qualquer desconforto, poderiam discutir com a pesquisadora. Poderiam desistir de participar em qualquer momento e teriam liberdade para não responder questões que julgassem constrangedoras. A aceitação não implicaria na obrigação em participar, podendo ser interrompida a participação a qualquer momento, mesmo que já tivesse iniciado, bastando, para tanto, comunicar as pesquisadoras, sem que isso representasse qualquer tipo de prejuízo pessoal.

As pesquisadoras realizaram a entrevista, que teve a duração média de 60 minutos, seguindo as perguntas da entrevista semiestruturada. Não havia respostas certas ou erradas, o que importava era conhecermos a percepção dos ex-participantes sobre o encontro do sentido de vida pelo trabalho criativo (*clownterapia*). Os registros foram realizados através de aparelhos *smartphones*, com o consentimento do participante, realizado anteriormente, sendo em local adequado para o entrevistado, em sua própria residência, ou em uma sala privativa com aproximadamente 20 metros quadrados, com iluminação, baixo ruído e em área urbana, em que agendou a sua utilização de acordo com o dia agendado com cada um. Sendo as gravações revistas e transcritas posteriormente para sua devida análise e deletando as informações coletadas após sua transcrição. Os dados transcritos serão guardados por meio físico por um período de cinco anos.

Garantimos ainda o comprometimento com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações coletadas para esta pesquisa. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Os preceitos básicos de pesquisas com humanos no Brasil estão pautados na Resolução CNS 466/12 e a CNS 510/16, ressaltando o respeito e a dignidade humana em tais pesquisas, respaldando



ainda o rigor ético, o bem-estar dos pesquisados e a proteção aos que assim se dispõem à realização destas pesquisas.

COMPREENSÃO DOS DADOS

As entrevistas aconteceram após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Univali, parecer n. 5.719.865. Para preservar a identidade dos participantes, conforme descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estes serão tratados neste campo como E1, E2 e E3.

Inicialmente, se esperou identificar os elementos presentes nas falas acerca da compreensão do significado de *clown* e *clownterapia*, a fim de relacioná-los com a visão de Jacques Lecoq e Hunter Adams. Considerando a perspectiva teórica a ser exposta abaixo e relacionando-a com as falas que apresentam características semelhantes, nota-se que a vivência assídua nas intervenções e encontros influenciaram no entendimento desses elementos, visto que as ações de *clown* com o fazer da *clownterapia* era um compromisso semanal.

Apresentamos, inicialmente, as falas dos participantes sobre o significado do *clown* e o entendimento da *clownterapia*.

O *clown* [...] ele é a gente com todos os nossos defeitos, qualidades, ele é a gente mais vulnerável. E eu acho que o que torna essa *clownterapia* é a gente ficar mostrando pros outros isso e que tá tudo bem... é o papel dele, mostrar que tudo bem tu ser vulnerável e todo mundo é vulnerável, em algum momento, e é esse processo de se identificar com o outro que também tá sendo vulnerável que é o *clownterapêutico* (E1).

O *clown* significa buscar a nossa essência que talvez esteja adormecida sabe, no nosso ser mesmo, tipo, como a gente era quando criança, é ter um olhar mais, mais infantil e mais, e até mais lúdico pra, pras coisas da vida, deixar as coisas mais leves sabe? Então no momento que eu comecei a ir pro hospital fazer a terapia com o *clown*, daí eu disse não, eu não tenho que ir atrás dos meus sonhos, porque eu resgatei isso dentro de mim, sabe (E2).

Eu acho [...] que na verdade não é a criação de um personagem em si, é a nossa própria essência. Através do nariz a gente volta a utilizar um pouco da essência da nossa criança. Eu acho que é realmente a permissão do nosso ser se soltar diante daquela situação, daquele paciente. Quando você ia lá com o nariz, você tirava o paciente daquela situação, por mais que fosse só cinco minutos, era uma outra visão que o paciente tinha, era uma distração, então acho que *clownterapia* ele tem como objetivo levar realmente essa parte humana, espiritual que, às vezes, é muito esquecida dentro do ambiente hospitalar, e nem todos os profissionais conseguem observar o paciente como um ser que está no mundo, que tem diversas relações, né? (E3).

Segundo Fonseca (2021), o *clown* é o próprio indivíduo expondo suas características de forma tímida ou exagerada, não interpreta nenhum personagem e, sim, apenas se relaciona por meio de sua essência. A iniciativa, de forma audaciosa e pioneira, de unir o *clown* à *clownterapia* partiu do médico americano Hunter Adams, também conhecido como "Doutor Patch Adams".

Com foco na relevância da humanização hospitalar, o médico já utilizava a empatia e bom humor na sua prática médica, pois as internações colocam os indivíduos e suas famílias em condição de vulnerabilidade, confusões e incertezas. Em entrevista, os pacientes lhe responderam que o amor, o humor e a alegria são importantes para a transformação da sua experiência hospitalar (ADAMS, 1999).

O *clown* é o executor da *clownterapia* e a relação entre as ações dessa pessoa no ambiente em que se propõe é como se alcança a humanização. Pelos três entrevistados, tem-se a confirmação consensual de que não existe atuação, pois não há um personagem criado, o que existe é um resgate da criança interior, ou adormecida. Dessa forma, as intervenções são regadas de leveza, naturalidade, sem inibições, bem pelo fato de que, na infância, exalamos o que nossa essência é de fato, e não ao que nos adequamos para vivermos em sociedade.

A *clownterapia* é realizada pelos voluntários com sua introversão ou extroversão bem evidentes, que priorizam a valorização do ser humano e não de seu diagnóstico, por meio do trabalho criativo como as esculturas em balões, a fala, as músicas, danças, piadas, brincadeiras e com os improvisos conseguem transportar esses pacientes, mesmo que por alguns minutos, para um lugar em que o riso seja fácil e que o leito não seja a sua única realidade, pois antes de tudo, ele é um ser no mundo, com as suas subjetividades, desejos e alegrias.

Logo, a essência de ser do *clown*, tanto elaborada por Jacques Lecoq (2018), quanto por Nunes (2016), revela sua singularidade exacerbada, reconhecida e despertada dentro de uma espontaneidade, a qual permite que o *clown* intervenha em um processo de humanização em saúde, podendo trazer alegria. De acordo com o que E3 pontua, pode-se evidenciar a compreensão dessas intervenções:

[...] o *clown* tira muito da questão da doença, que a gente não conversa sobre doença, a gente conversa sobre a vida do paciente, então dentro do hospital eu vejo que a *clownterapia* deveria ser mais inserida, porque é algo completamente diferente, o paciente tá lá, é medicação, alimentação, banho na hora que tem que ser, e na verdade quando a gente vai fazer essa terapia, é ele, né? É o que ele é, é o que ele quer falar, é o tempo que ele quer que a gente fique. Então, eu acho que é um dos únicos momentos que o paciente realmente pode escolher o que ele quer fazer, então acho que a *clownterapia* ela tá muito voltada pra essa questão espiritual, humana para o paciente (E3).

Para haver *clownterapia* nas instituições, precisa-se do *clown* e essa figura se dá por meio de um voluntário. O trabalho voluntário é regulamentado no Brasil como um trabalho não remunerado, voltado para instituições sem fins lucrativos, que envolve principalmente “[...] objetivos culturais, cívicos, científicos, educacionais, de assistência social, recreativos ou de assistência à pessoa” (BRASIL, 1998, p. 2).

Nas falas dos participantes, identificou-se, por meio dos relatos, que os três já tinham relação e hábito de realizar trabalho voluntário antes mesmo do Projeto Terapeutas da Alegria. E como regulamentado por lei, todos sem retorno financeiro, e dentro das possibilidades como ações de assistência social, educacional e cultural.



Eu realizava trabalho voluntário lá na minha cidade, antes de me formar no ensino médio ainda. Eu dava aula de balé pra, pra criança (E1).

[...] a gente reunia as coisas que sobravam e levava pras comunidades. Daí, a gente sempre reunia as coisas que sobravam e levava pra doação (E2).

[...] eu sempre participei de projeto voluntário, na escola. Que eu, eu nunca fui de ficar só em aula, no colégio eu passava de manhã a aula e passava a tarde inteira no colégio fazendo trabalho voluntário (E3).

Dessa forma, a compreensão é que existe uma dedicação de tempo para realizar o trabalho voluntário, assim como se alcança a autorrealização no desempenho das ações para o bem-estar do próximo, pois relatam sentir falta e gostar do trabalho. Relacionamos, assim, a autorrealização ao dar sentido à nossa existência, o que pode ocorrer nas relações humanas que construímos ao longo de nossa vida ou vinculados a um trabalho criativo, como citado por Frankl (2021). Quanto ao desejo de participar em específico do Terapeutas da Alegria:

Mas o Terapeutas da Alegria especificamente, eu já tinha visto documentário dos Doutores da Alegria e eu achei, meu Deus, fantástico (E1).

Eu ficava manhã e noite praticamente livre né. Daí que eu comecei a procurar, ver o que que tinha disponível aqui na região. E daí que, eu acho que foi o primeiro que eu vi e único já, nem procurei outros, foi o Terapeutas (E2).

O que me manteve foi que eu fiquei completamente apaixonada pelo projeto. Eu até sempre falei que eu achava que o projeto me deixava muito melhor do que os pacientes. Era uma rotina, claro, puxada, mas eu saía de lá leve, e eu me apaixonei pelo projeto e se eu pudesse continuaria até hoje (E3).

Com base no exposto acima, podemos evidenciar que, realmente, existe a identificação de um benefício à autoestima e dignidade para a sua existência, na resposta do E3. Já E1 expõe a ideia de se entregar à vida como o Doutor Patch Adams e o Projeto Doutores da Alegria mencionado na resposta dele. E para o E2 é a ideia de identificação por servir a uma causa nobre. A importância do trabalho voluntário para essa autorrealização, como mencionam Souza e Costa (2013), em que o apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade, seja por doenças graves ou por problemas sociais, é importante para o resgate da autoestima e dignidade, mas também sobre o que nos leva a buscar um sentido e uma realização para a nossa existência, corroborando com a teoria de Frankl (2021) na busca de um sentido de vida através de um trabalho criativo.

Abaixo, apresentamos as falas dos participantes sobre o sentido de vida de acordo com a logoterapia, assim como a compreensão com a teoria e respostas dos entrevistados. Para Frankl (2021), criador da logoterapia, a motivação fundamental para a nossa vida, é a procura de um sentido para ela, determinar esse sentido não é tão simples, demandando que cada um de nós a procure ou a encontre a partir de nossas vivências: seja através do amor, que se dá pelo encontro de alguém ou experimentando algo, pela atitude perante o sofrimento inevitável em nossa vida ou por meio da prática de um ato ou um trabalho criativo.

Compreendendo o sentido de vida de acordo com a logoterapia e conforme a citação acima, nos mostra que o sentido de vida pode ser encontrado por meio de três fatores, sendo eles: pelo amor, pelo sofrimento ou pelo desenvolvimento de um trabalho criativo. Sendo o *clown* o executor da *clownterapia*, como referenciado anteriormente e a *clownterapia* um trabalho criativo, temos a possibilidade de um encontro de sentido de vida para esses voluntários do referido Projeto. A fala do E1 demonstra que consegue incluir a *clownterapia* na sua prática profissional, sendo assim, um ambiente tão humanizado que tanto os pacientes, quanto familiares desejam manter o vínculo, mesmo sem ter mais necessidade do tratamento. Isso evidencia que o entrevistado adquiriu, como diz Frankl nessa citação, um sentido para sua vida por meio da sua vivência com o trabalho criativo, pois, sua intervenção profissional está intrinsecamente atrelada as suas práticas de quando era *clown*:

Tanto que o meu *clown* na clínica, às vezes, quando uns pacientes, que já tão comigo há mais tempo, quando eu vejo eu já tô fazendo piada. Eu escuto direto aqui: - meu Deus E1, a gente quer voltar aqui porque tu é querida, a gente quer voltar aqui, porque aqui a gente pode falar. Eu tenho pacientes Nhay, que eles não têm mais alteração nenhuma, a família continua... (E1).

O sentido da vida para Frankl (2021) é único, algo específico para cada um de nós, e para cada momento e dia pode ocorrer modificação. O que se deve considerar é o sentido da vida no momento, o que se faz por dom, missão ou vocação e não buscar algo irreal, distante, como se não fizesse parte da realidade, pois cada pessoa é responsável por viver com suas atividades reais e alcançar realização por isso. A vida nos questiona e nos cobra sentido, em contrapartida, podemos somente respondê-la, sendo responsáveis por nossa própria vida e é nisso que a logoterapia vê a essência do existir humano, na responsabilidade.

A responsabilidade em manter-se nesse modo de existir, como na referência teórica acima, é do próprio indivíduo e isso fica evidente na fala do E2, pois ele, por meio do trabalho criativo, se descobriu e se manteve, percebendo que o benefício era também para sua vida enquanto ser humano no mundo:

Então é, eu me sentia zero criativo e daí no momento [...] me transformava, e daí eu entrava e era automático, tipo, saia piadas... Por fazer bem pra mim e eu vê que eu tava sendo melhor pros outros também, não só no ambiente hospitalar, mas na sociedade, sabe? Isso, não só com o nariz, mas, mas, é, eu sinto que eu me tornei uma pessoa melhor depois que eu comecei (E2).

Validando essa fala sobre a noção do sentido para a vida do voluntário e seu reflexo para com a comunidade, assim como cita Lukas (1992, p. 146) em que os “[...] valores criativos representam uma contribuição para a comunidade, um “agir com sentido para o bem dos outros”, o que para o indivíduo possui uma eminente ação curativa, porque o coloca numa relação com a comunidade [...]”.

A partir da logoterapia, o sentido de vida se dá pelo reconhecimento de nossa responsabilidade, sobre nosso papel no mundo e sobre nossas ações, assim como pontua Frankl (1991, p. 18), “[...] o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou no amor a uma outra pessoa” trazendo a nós a responsabilidade por encontrar esse papel e sentido.



Relacionamos essa citação com o E₃, que sabe claramente qual era a sua responsabilidade quanto à sua dedicação nesse trabalho criativo, e consegue identificar sentido no seu papel. Evidenciamos isso na fala abaixo:

É, eu acredito que pros profissionais também melhora, porque, às vezes, a gente tá num ambiente muito pesado, [...] naquela rotina de trabalho, e a gente não para, então, quando a gente ia, eu observava que os profissionais paravam um pouco o trabalho, vinham conversar com a gente, então era um momento pra eles saírem um pouco daquela rotina tão intensa e voltar pra ela um pouco mais tranquilo (E₃).

A seguir, temos falas e teorias para compreender sobre o encontro do sentido de vida a partir de trabalho criativo, de acordo com Frankl. O entrevistado E₁ afirmou em sua fala:

[...] quando a gente é profissional, que aí parece que a gente não tá fazendo algo pra retribuir, fica um negócio assim: - será que eu tô indo só por dinheiro assim, será que eu tô fazendo as coisas, é, as coisas na minha vida tão acontecendo só por causa de dinheiro? (E₁).

Conforme citação acima do E₁, esse ex-voluntário refletiu em sua prática profissional sobre esse encontro de sentido por meio de um trabalho com propósito e não só pela atividade final. O interesse não está somente em torno da rentabilidade financeira, como menciona Frankl (2021), e sim, essa inquietação o leva para serviços gratuitos, por exemplo.

Para Frankl (2021), o sentido, através do trabalho criativo, pode se dar principalmente pela arte, como nos processos artísticos de pintura, canto ou teatrais. Pode-se, ainda, relacionar com o que dizem Carrano e Requião (2022, p. 6):

O lidar com a arte [...] favorece a busca do equilíbrio interior, do autoconhecimento, da autorrealização e da autoestima, possibilitando o resgate da saúde por meio do fazer artístico, demonstrando o valor do processo criativo. Neste caso, o retorno afetivo e expressivo ocorre de uma forma progressiva, em uma relação de confiança, domínio e conhecimento.

Na fala do E₂, podemos confirmar essa relação do sentido de vida através do trabalho criativo, pois ficou claro para o voluntário sua modificação como ser humano que está no mundo, ao decorrer das intervenções realizadas:

[...] foi muito importante pra, que nem, ah, fazer as bixiguinha lá, os, os cachorrinho e tal, eu tinha zero noção disso tudo, das músicas também que a gente cantava, então tudo isso ajudou a construir bastante, durante as terapias né, que a gente fazia nos hospitais. [...] O que me manteve foi justamente essa troca que eu senti em não fazer bem só pro paciente, mas também pra mim mesmo (E₂).

Sendo assim, o trabalho criativo, as artes (considerando o que possui ou não relação empregatícia) são de suma importância para encontrarmos um sentido em nossa existência, transcendendo nossas necessidades individuais e colocando-nos em prol de um bem coletivo. Assim como cita Lukas (1992, p. 146) em que os "valores criativos representam uma contribuição para a comunidade, um [...] agir com sentido para o bem dos outros, o que para o indivíduo possui uma eminente ação curativa, porque o

coloca numa relação com a comunidade [...]”.

O voluntário reconhece, conforme declarado em fala abaixo, que além de ser importante para si, essa noção de um atendimento diferenciado tem impacto nos pacientes e comunidade, e que sua vivência no projeto proporcionou isso:

[...] uma visão de que é importante, faz bem pro paciente, a gente ser mais comunicativo, ser mais atencioso, pra proporcionar uma melhor cura, né? [...] no momento que eu tava com o nariz, eu era um palhaço, era um clown ali que trocava com o paciente, mas ao mesmo tempo, quando eu tirava, eu lembrava de passar na rua por alguém e cumprimentar [...] (E2).

No pensamento de Frankl, para autotranscendermos, é necessário olhar e ir além da nossa própria existência, deixando, assim, de sermos um sujeito que apenas reage aos estímulos que nos são proporcionados, mas que compreende que nossa vida se refere a algo ou alguém diferente de nós mesmos. Pois “[...] a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma - a algo ou a alguém, isto é, a um objetivo por ser alcançado ou a uma existência de uma outra pessoa que ele encontre” (FRANKL, 1991, p. 18). Com essa fala:

Então, o *Terapeutas* me trouxe essa outra visão, de que além de todas as técnicas que eu preciso possuir, eu também preciso entender aquele ser humano, é, como uma pessoa que tem relações com o mundo, com as outras pessoas, consigo mesmo, uma maneira de se entender (E3).

No processo de trabalho criativo, relacionamos a *clownterapia*, visto que, assim como descrito na citação anterior, nas intervenções se utilizaram meios artísticos como músicas, danças, até mesmo a habilidade de improvisação, sem roteiro e sem ideia do que acontecerá no ambiente, assim que se adentra um quarto por exemplo, podendo haver um encontro do sentido de vida pelo desenvolvimento desse trabalho criativo (SATO *et al.*, 2016).

Com a fala acima, é possível reconhecer que para o E3 a visão de vida ficou amplificada tendo as vivências do projeto. Tanto que percebeu a diferença entre as práticas durante a sua graduação, de alunos que não tinham contato e os que já haviam participado do projeto. Um olhar fora da sua própria existência, seria aqui o fato de ter reconhecido que além das técnicas para execução da sua profissão, é necessário que compreenda o ser humano em sua totalidade.

Explorando a crítica do E3 sobre o modelo biomédico estabelecido nas internações hospitalares, conseguimos perceber que o trabalho criativo por meio da *clownterapia* proporcionou um sentido de vida, tanto que refletiu em sua prática profissional:

[...] durante a minha graduação foi uma outra maneira de ver o paciente, porque na enfermagem a gente foca muito em questão de patologia, as doenças, o tratamento, medicação, procedimentos, e as vezes a gente esquece de parar pra olhar o ser humano que tá ali na nossa frente (E3).

Em um ambiente hospitalar, organizado no paradigma biomédico¹⁴, a *Clownterapia* ofereceu

14 Segundo Cutolo (2006, p. 16) “o Modelo Biomédico tem se caracterizado pela explicação unicausal da doença, pelo biologicismo, fragmentação, mecanicismo, nosocentrismo, recuperação e reabilitação, tecnicismo, especialização”.



a possibilidade de uma ação que pode trazer a humanização na saúde, uma vez que a empatia, o acolhimento e a compaixão possibilitaram um olhar e uma prática através de atividades lúdicas que humanizaram o espaço hospitalar (ADAMS, 1999).

Essa citação está de acordo com o conteúdo da fala anterior, pois podemos visualizar essa humanização em saúde por meio da prática nas intervenções e que é perceptível para o entrevistado E3, que o projeto lhe gerou uma sensibilidade de que no leito há mais do que a doença a ser tratada, há um ser humano a ser considerado com todas as suas individualidades.

Com isso, identificamos a importância do projeto, pois, para esse entrevistado, teve tanto sentido para sua vida as ações realizadas por meio da *clownterapia* que foi ela que trouxe a noção de espiritualidade, e já a graduação uma formação biomédica. Comprovado na fala abaixo:

[...] então, nisso eu via que eu era muito mais espiritualizada do que os meus amigos, que faziam somente a faculdade (E3).

A ideia da dimensão noética para Frankl, é exatamente o ponto mencionado como diferencial destacado na fala acima: espiritualidade. Para Moreira e Holanda (2010):

A humanidade e a animalidade são constituídas pelas dimensões biológica, psicológica e social, todavia, o homem difere dos animais por possuir também a dimensão noética. Apesar das três dimensões, a essência da existência do homem reside na dimensão espiritual. Sendo assim, a existência propriamente humana é existência espiritual. A inclusão das demais dimensões inferiores garante a totalidade do homem.

Sobre o encontro do sentido de vida, a partir do trabalho criativo, com a vivência da *clownterapia*, apresentamos as seguintes falas:

Mas eu acho que ele começou como pessoal, mas ele extrapolou. A ponto de eu não saber mais, se o jeito que eu tô sendo aqui, se é o E1, E1, ou se é o E1 fono, pra mim já, já tá tudo extrapolado, é tudo a mesma coisa (E1).

[...] Isso de eu ir buscar meu próprio sonho, sabe? De ver como tava fazendo bem pra mim, eu buscar o que me fazia bem, não só durante o projeto, mas minha realização pessoal mesmo, sabe? Então eu conseguia buscar através do projeto, hã, essas respostas, sabe... dentro de mim (E2).

Então, hoje, eu digo que se eu, sou eu mesma, é porque no processo de criação do meu *clown*, eu parei pra analisar a minha essência e acabei liberando ela com nariz, só que eu acho que depois que tu libera com o nariz, tu acaba liberando pra tua vida inteira né? (E3).

Para Frankl (2005), o sentido da vida se modifica, mas não deixa de existir. A relação que fica evidente das três falas acima, é que houve o encontro do sentido de vida foi por meio das vivências da *clownterapia*, cada um com sua personalidade, cada um com seu *clown*. Associando com citação acima de Frankl, o reflexo da busca pela essência individual para transbordar nas intervenções que realizavam, foi tão fiel ao seu propósito de ser no mundo, que mesmo sem o nariz vermelho, mesmo sem estar no ambiente em que a *clownterapia* era usada como recurso terapêutico criativo, os voluntários se viam

praticando tal ato. Como mencionam E1 e E3 especificamente, a essência de seu *clown* extrapolou, foi liberada para a rotina cotidiana, para seu ambiente profissional e modo de ser e agir na sociedade, nas suas vidas. E para o E2, é possível reconhecer que o projeto proporcionou uma busca de respostas sobre sua realização pessoal, dentro de si mesmo, refletindo, assim, as ações da *clownterapia*. Importante mencionar o potencial de transformação de seres humanos que o Projeto pode proporcionar.

Como resposta de uma das perguntas da nossa entrevista semiestruturada sobre o encontro do sentido de vida através do trabalho criativo que, nesta pesquisa, é a *clownterapia*, escolhemos as seguintes falas como exemplo de que é possível que a participação nas intervenções do Projeto Terapeutas da Alegria proporcione um encontro do sentido de vida para os participantes:

E as vivências eram coisas que eu, mais nova, eu nunca imaginava que eu ia passar. [...] assim, ninguém imagina as coisas que a gente vai passar na vida, mas ter a oportunidade de ver situações, de viver situações, isso é muito grandioso. E é isso que o projeto traz pra gente (E1).

Mas um sentido pra minha vida acho que é, é isso mesmo, de não, não desistir sabe da, do, do que a gente sonha, do que a gente sempre buscou, os projetos pessoais, sabe? Acho que esse é o principal sentido (E2).

Então, o *Terapeutas* me trouxe essa outra visão né, do meu sentido de vida, ser, cuidar do outro, ser, observar a questão da pessoa e não na doença e ser eu mesma independente da situação, o *Terapeutas* sempre me trouxe, que eu tenho que ser eu mesma, né? Eu não posso tentar ser perfeita (E3).

Podemos perceber com essas pontuações acima que foi perceptível o encontro do sentido de vida por meio do trabalho criativo, que no caso do nosso estudo, considerou-se a *clownterapia*, para esses voluntários entrevistados. Importante também ressaltar que como a teoria apontou, o trabalho voluntário teve participação significativa no processo de autorrealização dos entrevistados para o encontro de um sentido de vida por meio de um trabalho que proporcionou o bem-estar ao próximo.

As percepções dos entrevistados foram de potencial transformador e marcante, como identificaram: E1 relatou a oportunidade que a participação no projeto o proporcionou enquanto ser humano, de poder vivenciar essas situações em seu contexto de vida, e ter essas experiências foi relevante e mencionado por ele até como algo grandioso. E2 trouxe como sentido de vida o resgate que fez de um sonho seu e a importância de não desistir dos projetos pessoais. E3 destacou a reflexão que o projeto mostrou que não poderia deixar de ser autêntico, visto que inclusive o *clown* é a nossa essência exagerada, era algo realmente relevante para as intervenções, mas que passou a ser em sua vida também, pois não poderia tentar ser algo diferente independente da situação.

Lukas (1992) mencionou que ao tomarmos uma atitude positiva, o amor ativo pode transformar-se em ajuda, contribuição ao outro, trazendo, então, a afirmação de Frankl (1995, p. 264) "a autotranscendência é a essência da existência humana" e, ainda segundo o autor, este processo de autotranscender está interligado ao distanciamento que fazemos de nós mesmos, ao nos doarmos ou entregarmos, sendo possível, então, que esse processo ocorra, servindo a uma causa nobre (FRANKL, 1995). Dessa forma, compreendemos que o trabalho voluntário possui a dinâmica de doação ao próximo, transgredindo às necessidades individuais em prol de uma visão coletiva e direcionada à comunidade é



uma essência humana.

Apresentamos, a seguir, as falas sobre as percepções dos impactos em suas vidas com a participação no Projeto *Terapeutas da Alegria*. Podemos constatar a clareza dos detalhes que os entrevistados pontuaram na identificação da transformação que vivenciaram após o projeto, e como isso refletiu nas suas vidas profissionais, uma vez que estiveram sob influência dessas intervenções:

É, sobre a dignidade da pessoa, do corpo, às vezes, é uma pessoa que tá em coma ou alguma coisa assim, mas, poxa, cara, dá dignidade pra alguém. Tu não precisa é, sei lá, sentar, fazer uma escuta terapêutica. Mas o mínimo, porque a pessoa não tá ali porque ela quer, sabe? Então eu acho que, é, claramente, eu seria completamente diferente, eu não imagino, na verdade, como eu seria, mas eu sei que eu seria completamente diferente (E1).

E dentro da faculdade o *Terapeutas* também mudou totalmente o meu rumo, porque eu pensei que eu fosse pruma outra vertente e, na verdade, o *Terapeutas* me puxou e me fez voltar a minha época de colégio, mas tu não falava tanto de espiritualidade? E agora está fazendo somente cuidado biomédico, onde é que tu tá? Onde é que tu se perdeu? Cadê aquela tua essência? Então, o *Terapeutas* me fez olhar pra isso e parar: Não, opa, eu tô indo prum caminho que eu não quero (E3).

É possível identificar, com evidências, que o trabalho criativo executado por meio do clown foi um caminho para o sentido de vida. O potencial de transformação que o projeto pode proporcionar foi demonstrado pelo resgate da criatividade daquele ex-voluntário, que pode entrar em contato com seus valores mais profundos, com sua espiritualidade. Para a confirmação do processo de transformação, trazemos as seguintes falas:

[...] acho que tem uma ênfase muito grande quando a gente tá, é, inserida num grupo e tem vivências. Porque provavelmente a E1 que não participou do *Terapeutas* seria uma profissional diferente do que eu sou hoje (E1).

Então, hoje, eu estou realizando um sonho, eu atribuo muito aos *Terapeutas* mesmo, que foi fazendo as terapias que eu me reencontrei comigo mesmo e disse não: - eu tenho que focar no meu sonho, vamo atrás, e é isso que eu quero pra mim. É a questão de que a gente não só dá, mas também recebe. A gente não faz bem só pro paciente, mas faz bem pra nós também. O E2 pós-projeto se tornou mais humano, com certeza (E2).

Então, esse foi um dos principais motivos pra eu continuar. Porque sempre agregou muito no meu trabalho, além disso, sempre me fez muito bem, essa relação, essa troca, que eu tinha com os pacientes, me fazia muito bem (E3).

Todos os três voluntários consideraram que o projeto é responsável por mudanças importantes em suas vidas, seja por terem identificado um reflexo no âmbito profissional como E1 e E3 afirmaram ou como realização pessoal por resgate de sonhos, a partir do reencontro com sua essência, como E2.

A vinculação de habilidades técnicas e a capacidade social de levar sorrisos, de forma humorada, conforme menciona Zanetti *et al.* (2013), através das ferramentas lúdicas, favoreceram o desenvolvimento de práticas de saúde, humanização em seu atendimento e sua promoção, e que, em contrapartida, favoreceram a formação de profissionais qualificados e com olhar diferenciado em seu atendimento,

além da contribuição do desenvolvimento psicossocial entre todos os atores envolvidos, sejam os palhaços, os profissionais da área da saúde ou pacientes, acompanhantes, alunos, idosos e tantos outros que podem ser beneficiados pela *clownterapia*.

A possibilidade de encontro do sentido de vida que o Projeto proporcionou ficou firmado nas falas do E3, conforme abaixo:

[...] cada paciente tinha um pouquinho para oferecer, a gente sempre saia do quarto com um conhecimento diferente. Porque como Frankl fala né: o ser humano ele é um ser que está no mundo, então, cada ser humano ele tem uma vivência diferente, uma experiência, uma visão de mundo e de si mesmo, então, eu acho que a cada quarto a gente tinha uma experiência.

[...] me fez evoluir como pessoa e como profissional. E hoje eu digo que o projeto foi me construindo ao longo dos anos. Todas essas experiências que eu pegava, por mais que fossem só dois minutos, acabavam fazendo com que o meu ser, ele se transformasse e eu acho que isso é a essência do projeto

[...] hoje, na verdade, eu consigo entender que o meu cuidado não é só um cuidado biomédico, é um cuidado da pessoa como um todo, realmente integral. Entendendo a visão dele sobre si mesmo, sobre as suas relações, sobre o mundo que ele tá inserido. Então acho que o meu sentido de vida, ele foi sendo construído com base nisso, e principalmente a questão da minha essência mudou muito. Então, a partir do *Terapeutas* é que eu fui construindo um sentido pra minha vida, de uma maneira um pouco mais humana (E3).

Podemos afirmar a importância do projeto *Terapeutas da Alegria* como possibilidade de proporcionar o encontro do sentido de vida por meio do trabalho criativo e de forma voluntária. O resgate das potencialidades criativas dos ex-voluntários, desde os momentos das formações até a realização das intervenções, permitiu a vivência de um processo reflexivo do propósito das vidas dos participantes, demonstrando, assim, a realização do sentido de vida por meio do trabalho criativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposto, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a percepção de ex-voluntários que intervieram com seu *clown* no projeto *Terapeutas da Alegria*, da Univali, para o encontro do sentido de vida por meio do trabalho criativo da *clownterapia*. Por intermédio da pesquisa teórico-prática, identificamos as percepções acerca do trabalho criativo de um *clown*, em que através da *clownterapia* trouxeram algum sentido de vida a ex-voluntários que participaram do projeto *Terapeutas da Alegria*. Ademais, compreendemos que a relação com trabalhos voluntários e o hábito de participarem já era presente nos entrevistados antes do projeto. Constatamos que a execução do trabalho criativo da *clownterapia* por meio do *clown*, possibilitou um encontro do sentido de vida para os ex-voluntários que vivenciaram as intervenções. Em outras palavras, afirmamos que as experiências individuais proporcionaram a percepção de um sentido de vida para os voluntários, partindo de uma visão de que a *clownterapia* é um trabalho criativo.

Posto isso, consideramos que os objetivos específicos desta pesquisa, contribuíram para a resposta à pergunta de pesquisa: qual a percepção dos ex-voluntários que intervieram com seu *clown* no



projeto Terapeutas da Alegria da Univali para o encontro do sentido de vida através do trabalho criativo - *clownterapia*? Ou seja, seu objetivo geral, pois ele remeteu ao problema da pesquisa. Percebemos em geral, que a percepção dos ex-voluntários sobre um encontro do sentido de vida, se refere ao fato de que por meio das intervenções com a *clownterapia* foi possível vivenciarem sua essência como ser humano, e com isso, alcançarem um potencial reflexivo e de transformação dos seus modos de ser no mundo. Portanto, as percepções dos ex-voluntários não foram somente enquanto *clown*, mas em suas vidas pessoais e com as compreensões de que suas trajetórias profissionais foram afetadas positivamente, isto é, sua participação no projeto Terapeutas da Alegria possibilitou um processo de humanização enquanto profissionais da saúde.

Todos os objetivos específicos foram alcançados. O primeiro foi o de conceituarmos o *clown* e a *clownterapia* de acordo com a visão de Jacques Lecoq e Hunter Adams, que se trata da individualidade de cada sujeito, exagerada no momento das intervenções com o intuito de que, por meio das ações criativas, humanizem o espaço e as relações humanas. Tivemos um resultado nos três respondentes que corroboraram com o conceito, que é o de que não há a criação de um personagem para as intervenções, e sim, o *clown* faz um resgate da essência dos ex-voluntários enquanto criança. Com isso, a *clownterapia* desenvolve as ações desse *clown*, por meio de trabalhos criativos, como as esculturas de balões e o improviso, recursos muito utilizados no Projeto Terapeutas da Alegria, que tem o propósito de humanizar os espaços.

O segundo objetivo específico foi de definirmos o trabalho voluntário, conforme lei brasileira número 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, que se trata da doação de tempo e atividades de forma gratuita e se constitui em um trabalho sem remuneração, com envolvimento de objetivos de assistência à pessoa, como o nosso objetivo enquanto Projeto, visto que nas intervenções o foco são as pessoas. O voluntariado também proporcionou o bem-estar para o participante e, com isso, então, doamos tempo de qualidade, com amor e dedicação, fazendo o bem para o outro, mas também, para nós. Todos os entrevistados já realizavam trabalho voluntário anteriormente ao Projeto e consideravam o quão benéfico era para si e o outro, gerando a ideia de pertencimento dessas ações na vida pessoal e profissional.

Descrever o sentido de vida de acordo com a Logoterapia também foi um objetivo específico atendido. Compreendemos que o sentido de vida é alcançado quando identificamos nosso propósito no mundo. Para a logoterapia, nós somos responsáveis por encontrarmos nosso papel e sentido no mundo, portanto, dedicando-nos a uma causa ou a outra pessoa nos proporcionou isso. Sendo assim, com o voluntariado é possível termos esse encontro de sentido de vida, pois como vimos, foi pontuado pelos ex-voluntários o benefício no âmbito social, bem como a transformação pessoal que esse trabalho possibilitou.

O penúltimo objetivo específico foi o de compreendermos o encontro do sentido de vida a partir de trabalho criativo, de acordo com Frankl, que foi atendido, pois, para ele, uma possibilidade é por meio da arte e, como observou-se, a *clownterapia* é o trabalho criativo presente no Projeto Terapeutas da Alegria e, por meio dela, os ex-voluntários compreenderam o encontro do sentido para sua vida e puderam vivenciar também um processo de autoconhecimento.

Como último e não menos importante, foi o de relacionarmos o encontro do sentido de vida a partir do trabalho criativo com a vivência da *clownterapia*. Foi possível alcançarmos esse objetivo, pois como

percebemos, as teorias se confirmaram com as relações dos entrevistados com o fazer da *clownterapia*, sendo ela o trabalho criativo e sendo esse fator uma possibilidade para o encontro do sentido de vida. Portanto, foi atendido, conforme apontamentos dos entrevistados sobre a oportunidade de viver e ver situações inimagináveis como algo grandioso para si.

No decorrer desta pesquisa, a pesquisadora solicitou análise do setor responsável pelos movimentos de extensão na universidade, sobre a possibilidade de retorno do projeto Terapeutas da Alegria. Em sua percepção, foi muito bem aceita a ideia pela direção e seus superiores. Quando verificada a disponibilidade do grupo com a formação já concluída, foi percebida grande alegria e entusiasmo pelos que estão disponíveis para realizarem intervenções e para os que não, manifestaram todo apoio no retorno e gratidão por terem feito parte.

Diante disso, sugerimos para futuros estudos, pesquisas sobre a percepção em outras perspectivas, tais como o estado de humor dos sujeitos internados, por exemplo, e que recebem a visita dos voluntários do Projeto Terapeutas da Alegria. Além disso, sugerimos pesquisas sobre os impactos na continuidade do trabalho dos profissionais de saúde após as intervenções com os pacientes.

A relevância desta pesquisa está na constatação das percepções trazidas pelos entrevistados. Os ex-voluntários são pessoas com o diferencial de doarem o seu trabalho ao próximo e com a sensibilidade de perceberem o quão benéficas são as ações para o outro ser humano, mas também para eles próprios. Nesse sentido, os ex-voluntários relataram como foi a vivência do potencial transformador que o Projeto Terapeutas da Alegria lhes proporcionou. O trabalho voluntário realizado possibilitou a vivência da dimensão noética dos participantes, através dos valores criativos e atitudinais que o encontro com o outro ocasionou, de acordo com os fundamentos teóricos da Logoterapia.

A aceitação imediata para a retomada do Projeto demonstrou o nível de significância para as instituições em que visitávamos, a compreensão que possuem do benefício para os pacientes, acompanhantes e equipe, de forma geral. O trabalho criativo presente nas intervenções é regado de amor e riso, e como sabiamente considera Patch Adams, só precisamos olhar o outro de forma atenta, e para que isso aconteça, é preciso que o encontro com o outro aconteça a partir de um olhar da espiritualidade na saúde e que o Projeto Terapeutas da Alegria proporcionou.

O Projeto Terapeutas da Alegria é conhecido por atitudes e comportamentos humanizados frente ao paciente, familiares e profissionais, mas também com o propósito de estar no mundo dos voluntários, por isso, o encontro do sentido de vida foi possível identificar nesta pesquisa. Afinal, a compaixão nos move.

REFERÊNCIAS

ADAMS, P. **Patch Adams**: o amor é contagioso. Tradução de Fabiana Colasanti. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. 158 p. ISBN 85-86796-20-4.

APARÍCIO, D. S.; Arteterapia na esquizofrenia um estudo de caso. **A saúde mental em discussão**, Belo Horizonte, v. 1, 2021. Disponível em: https://fametro.edu.br/storage/2021/05/saude_mental_discussao.pdf#page=115. Acesso em: 17 abr. 2022.



BRASIL. Lei no 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 18 fev. 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/reso466_12_12_2012.html. Acesso em: 24 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016**. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwoTZC2Mb/content/id/22917581. Acesso em: 24 abr. 2022.

CAMPOS, M. V. *et al.* **Alegria para a saúde: a arte da palhaçaria como proposta de tecnologia para o Sistema Único de Saúde**. 2009. Tese de Doutorado.

COSTA, T. C. P. **A humanização e o palhaço: entre significados e sorrisos**. 2018. 1 CD-ROM. Monografia (Graduação em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, 2018.

CARRANO, E.; REQUIÃO, M. H. **Materiais de arte: sua linguagem subjetiva para o trabalho terapêutico e pedagógico**. Digitaliza Conteúdo, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: **Conselho Federal de Psicologia**, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.

CUTOLO, L. R. A. Modelo Biomédico, reforma sanitária e educação pediátrica. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 35, n. 4, p. 16-24, 2006.

DE BRIGARD MERCHÁN, N. *Relación de la ideación y el comportamiento suicida con el Sentido de Vida en las Personas:: revisión sistemática*. **Calidad de Vida y Salud**, v. 14, n. 1, p. 2-20, 2021.

DITTRICH, M. G.; LEOPARDI, M. T. Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 11, n. 18, p. 97-117, 2015.

DITTRICH; M. G.; URIARTE NETO; M. Humanescer na saúde: um olhar sobre a formação universitária. In **Educação e saúde**. Políticas Públicas e vivências dialógicas. Org. FARHAT; Eleide Margarethe; DITTRICH, Maria Glória. Itajaí: Editora Univali, 2016.

FONSECA, Denise Garófalo. O palhaço: um profissional da arteterapia que contribui para a melhoria da qualidade de vida dos idosos em cuidados paliativos. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.4, p.16170-16190 jul./aug. 2021. ISSN 2595-6825. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n4-139>. Acesso em: 07 set. 2022.

FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática**. Tradução: Cláudia M. Caon. Campinas: Papirus, 1991. ISBN 85-308-0095-8.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada da Deus**. Tradução: Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 6. ed.



Petrópolis: Vozes, 2001. ISBN 85.326-0769-1.

FRANKL, V. E. **A questão do sentido da psicoterapia**. Tradução de Jorge Mitre. Campinas: Papyrus, 1981. 157 p. ISBN 85-308-0091-5.

FRANKL, V. E. **Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 53. ed. – São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes, 2021. ISBN 978-85-326-0626-6.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e análise existencial**. Tradução: Jonas Pereira dos Santos. Campinas, SP. Ed. Psy II, 1995. 303 p. ISBN 85.85.480-89-0.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos**. Tradução: Antônio Estevão. Allgayer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

FRANKL, V. E. **Sobre o sentido da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. 147 p. ISBN 9786557133873.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005. 172 p. ISBN 9788598239356.

GOMES, J.C.V. **Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001. 78p.

GOMES, W.B. **A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente**. In: FENOMENOLOGIA e pesquisa em psicologia. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998. v. Único, cap. 1, p. 19-44. ISBN 85-7025-453-9.

LUCHESI, A.; CARDOSO, F. S. **Terapia do riso: um relato de experiência. Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Enfermagem) - Faculdade Evangélica do Paraná, Curitiba, 2012. v. 2, n.1, 10p. Disponível em: <http://www.fepar.edu.br/revistaeletronica/index.php/revfepar/article/viewFile/36/46>. Acesso em: 02 nov. 2019.

LUKAS, E. **Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia**. Tradução: Carlos Almeida Pereira. Petrópolis São Leopoldo: Vozes, 1992.

MIJATOVIC, S. **Clown terapia, Play terapia e disegno: la loro funzione nella riduzione dell'anasia preoperatoria del bambino**. Manno, 2016. Disponível em: <http://tesi.supsi.ch/1340/1/Mijatovic%20Suzana.pdf>. Acesso em 02 nov. 2019.

MOREIRA, N; HOLANDA, A. **Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa**. Psico-USF, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010.

MORESI, E. (Org.). **Metodologia Científica**. Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB, 2003.

NUNES, L. F. R. **Repertório de clown na educação: elementos de uma pedagogia da palhaça na formação de professores**. 2016. 1 recurso online (191 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de



Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305327>. Acesso em: 22 fev. 2020.

RODRIGUES, L. B. **Prazer e sofrimento no trabalho voluntário: um estudo em organizações de apoio ao tratamento de portadores de câncer infante juvenil**. 2021. 117 f. Dissertação (Mestrado em Administração e Controladoria) – Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57387io.ufc.br/handle/riufc/57387>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RODRIGUES, R. **Fundamentos da logoterapia na clínica psiquiátrica e psicoterapêutica**. Petrópolis: Vozes, 1991.

ROQUE, M. G. M. *et al.* Para além de uma Vocação: Sentido do Trabalho para os Professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo. **Revista Gestão & Conexões**, v. 11, n. 2, p. 28-51, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ppgadm/article/view/36267>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Editora Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SATO, M. *et al.* Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. **Interface (Botucatu)**. 2016; 20(56):123-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jicse/a/dvyvCQfpZCcQB8ZLVkVdLhL/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermenêutica: arte e técnica da interpretação**. Trad. Celso Reni Braidia. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SOUZA, L. F. de.; COSTA, H. G. Motivação para o voluntariado - uma análise de sua evolução na literatura. In: IX Congresso Nacional de Excelência em Gestão (CNEG), 2013, Niterói. **Anais... Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013**. Disponível em: https://www.inovarse.org/artigos-por-edicoes/IX-CNEG-2013/T13_0621_3794.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

TRAD. CLÓVIS D. MASSA, G. F. O *CLOWN* NO ENSINO DE JACQUES LECOQ. **Cena**, [S. l.], n. 24, p. 37-45, 2018. DOI: 10.22456/2236-3254.77554. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/77554>. Acesso em: 04 abr. 2022.

VIEIRA, Hugo Américo Pereira Cardoso. O clown teatral contemporâneo. **Revista Ibero-americana de pesquisa em educação, cultura e artes** [#12] ISSN 1647-0508, 2020. <https://doi.org/10.24981.16470508.13.13>. Acesso em: 07 set. 2022.

ZANETTI, F.; *et al.* As Práticas de Produção da Saúde e A Gestão das Condutas Humanas. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.8, n. 3.4, p. 749-774, set./dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v13n3-4/14.pdf>. Acesso em: 02 de nov. 2019.